

Tom Zé e uma obra atemporal

Luan Carbonari e Gaber Rojas relêem obras de um dos pais da Tropicália

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Idealizado, produzido, dirigido pela atriz Ana Beatriz Nogueira, o espetáculo “Uma Canção para Tom Zé” traz uma homenagem a Tom Zé com uma releitura nada óbvia de suas composições nas vozes de Luan Carbonari (violão) e Gaber Rojas (piano) que estréia no Manouche neste sábado (2). A dupla será apresentada por Malu Mader e Louise Cardoso e também terá participação especial da sanfoneira pernambucana Ceiza Moreno.

O espetáculo reúne músicas emblemáticas e pérolas do reper-

tório do artista baiano de 87 anos, como “Tô”, “Solidão” e “Augusta, Angélica e Consolação”, que ganham uma releitura nada óbvia nas vozes de Luan e Gabriel. Ana Beatriz fala que realizou um sonho. “É uma homenagem, um gesto de amor, com jovens cantando a obra de Tom Zé, por meio de melodias e vozes belíssimas, com arranjos construídos por Luan e Gabriel. É nosso olhar sobre a obra deste grande mestre. Não é preciso estar necessariamente debaixo dos holofotes para fazer algo artístico, ser artista também é promover, proporcionar, tornar possível, fazer por onde, a arte”, conta Ana Beatriz, uma apaixonada pela vasta obra de



Luan e Gaber mostram seu olhar sobre o mestre

Tom Zé, que vai trazer de São Paulo para o Rio o homenageado, um dos nossos maiores talentos e também um pilar da Tropicália.

Sempre atenta a novos talentos, Ana ficou encantada com a presença de palco e a voz cristalina de Luan Carbonari, um dos finalistas do “Canta Comigo”, da Record, que tem apenas 23 anos, e com a musicalidade ímpar de Gabriel, de

22. Não por acaso, são amigos de infância, têm uma banda chamada Pink Floyd Eclipse e são multi-instrumentistas.

“É desafiador tocar Tom Zé, pegar o que ele quis transmitir com a obra dele e, agora, devolver com a nossa pegada. A música “Mãe” é uma das nossas favoritas. Ela começa a capela, ficou bem interessante”, entrega Gabriel. “Ficamos muito

honrados com o convite da Ana. É muita responsabilidade, mas até que estamos tranquilos. Tom Zé é muito à frente do tempo e também é aberto, receptivo. Temos certeza de que ele vai achar interessante o que estamos propondo e como fizemos a nossa leitura da obra dele”, aposta Luan.

Ana Beatriz continua dizendo que a base do trabalho foi devolver um tiquinho. “Mas um tiquinho, uma parte muito pequena De todo o bem que esse homem me fez na vida como artista. De tudo que ele tem me ensinado na vida com a arte dele, com as palavras dele, com a estrada dele. E sobre as dores e as delícias de fazer uma direção, falando especificamente sobre música, eu só consigo ver as delícias. Ainda não conheci as dores. Espero não conhecê-las”, diz.

SERVIÇO

UMA CANÇÃO PARA TOM ZÉ

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese)

2/3, ÀS 21H

Ingressos: R\$ 120 E R\$ 60 (meia solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)

CRÍTICA / DISCO / VALSAS CHOROS E CANÇÕES

Um álbum lindo

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje vamos de “Valsas Choros e Canções” (Selo Sesc), o novo álbum de Eduardo Gudín. Doze dos 13 arranjos são dele e seu violão está em todas faixas. Léla Simões (voz, viola e violino) e Naila Gallotta (um arranjo, voz e piano) também protagonizam o trabalho com ele.

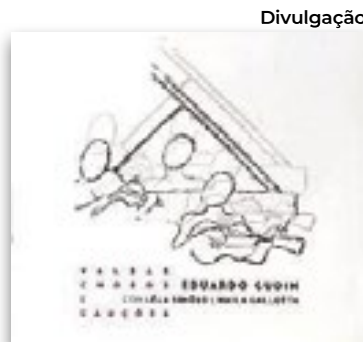
Antes... Desde quando o MPB4 ainda contava com Magro e Ruy, tínhamos, e claro que ainda hoje temos (embora agora com nova formação), enorme admiração por este compositor bom de samba, de valsa, de choro e de canção. Gravamos algumas de suas músicas que até hoje me emocionam.

Mas vamos lá: “Arrebentação” (<https://youtu.be/RASQysMfydg?si=7Kek9dJNOw5jPARv>), de EG e Paulo César Pinheiro. A intro

é do piano. Léla canta. Como em todas as faixas, violão, viola, violino e piano se entregam à faina da criação. O piano se destaca, até entregar a ribalta ao violão. A viola toca. O piano dedilha. O violino usa o arco. O álbum abre as portas para a sensibilidade dos ouvintes.

“Jacob” é um choro inédito de EG. Piano e violão abrem. Bandolim (Ronen Altman) e violino tocam em duo – dialogando e se complementando. A primeira parte se repete e com ela o choro ganha empatia. O violão assegura a harmonia.

“Poente” (EG e Marco Antônio da Silva Ramos): violão e piano abrem o arranjo de Naila, ela que canta junto com Gudín. O piano



segue e entrega a Fernando Goldenberg e sua gaita a responsabilidade de brilharem – eles não se fazem de rogado. Naila e Léla abrem as vozes em terças.

Abrindo o arranjo, o belo “Choro do Amor Vivido” (EG e Walter de Carvalho) tem o violão de Gudín junto com o piano de Laila. Piano que vai firme às teclas.

Canto que vem pelas vozes em cânone de Naila e Léla. Logo o instrumental volta, bem como retorna o violão de Gudín. Supimpa!

O grande sucesso “Paulista” (<https://youtu.be/0KIJGglY17k?si=aPdiOJw09RaCmHHR>), de EG e J.C. Costa Neto, vem pela voz de Gudín e pelo seu violão. Após alguns versos, Naila e Léla vêm e se revezam no canto e nos vocalises. O dedilhar da viola soa junto com o violão, que toca num intermezzo de alguns compassos. O bandolim de Ronen volta à cena.

“Luzes da Mesma Luz” (EG e Sérgio Natureza) tem Léla cantando e tocando viola, enquanto o piano e o violão se juntam a ela e fazem parceria para tocar o arranjo de Gudín

– mais um com o dom de seu DNA. Léla canta com gosto. Piano, violino e violão estão no intermezzo. A seguir, Renato Braz dá ao canto à sua sabedoria. A ele se junta Léla. Belo duo! Meu Deus! Ah!, o piano e o violão estão lá na intro.

Enfim, Valsas Choros e Canções é um álbum que maravilha por trazer ao prosclênio um craque como Eduardo Gudín, ele que é um ourives, a quem interessa lapidar cada acorde de sua música, bater soluções harmônicas para suas frases melódicas e polir os acordes. O perfeccionista que revê à exaustão cada achado harmônico (tantos!), em busca de aprimorá-los. Gudín é um bamba que se iguala aos melhores que temos na música brasileira.

*Vocalista do MPB4 e escritor